BREVE NOTA SÔBRE O II COLÓQUIO BRASIL-JAPÃO.

(Tóquio, 29 de fevereiro-7 de março de 1968).

MARIA REGINA
e
EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA
Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Êsse Colóquio, continuação do I realizado em São Paulo de 25 a 27 de julho de 1966, cujos *Anais* foram objeto de recente publicação (*), ao lado do saldo positivo que conclaves dêsse tipo alcançam, apresentou algumas falhas que, com a devida vênia, mencionaremos a seguir:

a). — *quanto à organização*: na véspera da inauguração, o programa das comunicações ainda estava incompleto, não se sabendo exatamente o tema de algumas comunicações dos professôres japonêses. Haviam solicitado, no Brasil, ao Prof. Eurípedes Simões de Paula uma comunicação — que foi entregue dentro do prazo estipulado — e lá soube que deveria fazer não uma, mas três, duas das quais teve elaborar, ou melhor, improvisar, redigindo resumos que foram posteriormente entregues à Comissão Japonêsa para a UNESCO;

b). — tanto nas *sessões plenárias,* como nos *seminários* das sub-comissões, o número de participantes, e mesmo de observadores, era surpreendentemente pequeno. Dos quatro grandes Centros de Estudos Brasileiros — de que temos notícias e com os quais mantemos contactos — anexos às Universidades japonêsas, sòmente um professor pôde comparecer na qualidade de participante. Diálogos

---

(*). — Cf. PAULA (Eurípedes Simões de) (Organizado por). — *Anais do I Colóquio Brasil-Japão (25 a 27 de julho de 1966).* São Paulo. Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Ltras da Universidade de São Paulo, 1967. 245 páginas.

informais com professôres e alunos que nos procuraram, equivalem a um teste do desacêrto da medida acima registrada, cuja origem e alcance não conseguimos apreender;

c). — evidenciou-se que o pouco que estamos realizando na nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e mais especìficamente no Curso de Estudos Orientais, era quase que completamente desconhecido no Japão. Um professor japonês tentou mesmo estabelecer uma identidade cultural brasileiro-mexicana por ter estado no México como professor visitante. Julgava que as instituições e tôda a história dos dois países, antes e depois da Independência, devesse ser muito semelhante. Abertos os debates, coube ao Prof. Simões de Paula destruir tôda a sua argumentação, acreditando-se que tenha surpreendendo, e muito, os nossos colegas japonêses.

O PROGRAMA DO COLÓQUIO.

Quanto ao programa organizado pela Comissão Japonêsa para a UNESCO, desejamos informar que, além das sessões de estudo, foram realizadas excursões às instituições culturais de Kyoto e Nara, além das que se achavam localizadas em Tóquio. Em caráter particular visitamos Yokohama e Kamakura, onde tivemos a oportunidade de admirar numerosos pagodes e mosteiros budistas e shintoistas.

As línguas oficiais do Colóquio foram: o português e o japonês, tendo havido tradução direta depois de cada comunicação. Nas discussões chegou-se a usar o inglês e o francês.

O programa cumprido foi o seguinte:

Quarta-feira, 28 de fevereiro:

Chegada a Tóquio.

Quinta-feira, 29 de fevereiro:

13,00-13,30. — Registro dos participantes no Hotel New Otani.

13,30-15,00. — Reunião informal no Salão Yagumo do Hotel New Otani.

15,00-16,00. — Abertura do Colóquio no Salão Tsubaki no 1º andar do Hotel New Otani. Palavras do Dr. Torajiro Takagaki, Presidente da Comissão Nacional do Japão para a UNESCO, do Sr. Sei Saito, Vice-Presidente da Educação do Japão e do Embaixador do Brasil, Dr. Álvaro Teixeira Soares. Em seguida foi lida uma men-

sagem do Dr. Renato Almeida, presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC).

16,30-18,00. — Recepção oferecida pelo Chefe da Comissão Nacional Japonêsa para a UNESCO no Salão Katsura no 1º andar do Hotel New Otani.

Sexta-feira, 1 de março (Centro Nacional de Educação):

9,30-12,00. — 1a. Sessão plenária:

1). — Introdução e apresentação dos participantes.

2). — O estado atual das relações culturais entre o Brasil e o Japão.

a). — *Prof. Kasuo Enoki*: — O papel dos estudos orientais no intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão.

b). — *Prof. Eurípedes Simões de Paula*: — Alguns aspectos da cultura japonêsa do Brasil.

c). — *Prof. Yasuhiko Sano*: — A situação atual das instituições para os estudos brasileiros no Japão.

d). — *Prof. Teiiti Suzuki*: — O papel dos descendentes de japonêses no intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão.

14,00-17,00. — Visita a instituições culturais em Tóquio: Museu Nacional.

Sábado, 2 de março. (Centro Nacional de Educação).

9,30-12,30. — Sub-comitê nº 1 (Teatro):

a). — *Prof. Naoya Uchimura*: — Perspectiva do teatro japonês. A situação atual dos Clássicos e o drama Nô.

b). — *Prof. Agostinho Olavo Rodrigues*: — Panorama do teatro brasileiro moderno.

Sub-comitê nº 2 (História):

a). — *Prof. Kasuo Enoki*: — Alguns aspectos dos Estudos Orientais no Japão.

b). — *Prof. Eurípedes Simões de Paula*: — A Universidade de São Paulo e as Universidades Estrangeiras: intercâmbio.

c). — *Prof. Ricardo Mário Gonçalves*: — Iemanjá — Uma Deusa — Mãe afro-brasileira.

14,00-17,00. — Sub-comitê nº 3 (Arquitetura):

a). — *Prof. Takamasa Yoshisaka*: — O desenvolvimento da arquitetura japonêsa nos últimos cem anos.

b). — *Prof. Wlademir Alves de Souza*: — A arquitetura brasileira contemporânea.

Sub-comitê nº 4 (Nutrição):

a). — *Prof. Toshio Oiso*: — Problemas de alimentação no Japão e suas medidas.

b). — *Prof. Dante Costa*: — *Contruições* japonesas à solução do problema alimentar brasileiro.

14,00-17,00. — 1o. Sub-comitê especial (Instituto de Economia da Ásia):

a). — *Prof. Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula*: — A sericicultura no Estado de São Paulo. (Dados atuais e possibilidades futuras).

2o. Sub-comitê especial (Toyo Bunko):

a). — *Prof. Eurípedes Simões de Paula*: — A Rota da Sêda na Antigüidade clássica: problemas preliminares.

b). — *Prof. Ricardo Mário Gonçalves*: — Estado atual dos estudos orientais na Universidade de São Paulo.

Visita a instituições culturais de Tóquio: — Arquivo Histórico da Universidade de Tóquio e Toyo Bunko (Biblioteca Oriental).

18,00-20,00. — Recepção oferecida pelo Embaixador brasileiro no Japão.

Domingo, 3 de março.

Dia livre. Visita particular a Yokohama e Kamakura.

Segunda-feira, 4 de março. (Centro Nacional de Educação).

9,30-12;30. — 2a. Sessão plenária.
Assunto: Como desenvolver o intercâmbio cultural Brasil-Japão.
15,00. — Excursão para Kyoto pelo trem expresso Hikari nº 29. Estadia no Kyoto Hotel.

Têrça-feira, 5 de março.

Visita a instituições culturais em Kyoto (templos, Universidades de Kyoto).

Quarta-feira, 6 de março.

9,30. — Visita a instituições culturais em Nara (templos e museus).
19,40. — Chegada a Tóquio pelo Hikari nº 34. Estadia no New Otani Hotel.

Quinta-feira, 7 de março. (Centro Nacional de Educação).

9,30-12,30. — Elaboração do relatório final do Colóquio.
14,00-16,00. — Sessão plenária para aprovação do relatório final. Encerramento do Colóquio.
17,00-21,00. — Visita ao Teatro Nacional. Exibição de uma peça de *kabuki*.

Sexta-feira, 8 de março.

Partida de Tóquio.

*

A VIAGEM E A DELEGAÇÃO BRASILEIRA.

a). — *A delegação brasileira.*

Integrada por sete membros, sendo três do Rio de Janeiro (Professôres da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dante Costa e Wladimir Alves de Souza e Agostinho Olavo Rodrigues, do IBCC) e quatro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Professôres Eurípedes Simões de Paula, Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, Ricardo Mário Goçnalves e Teiiti Suzuki). De São Paulo, apenas dois membros da delegação foram contemplados com passagens fornecidas pela UNESCO. Tôda a delegação foi hospedada pela Comissão Japonêsa durante os dias do conclave.

b). — *A Viagem.*

Os membros paulistas da delegação brasileira viajaram juntos, partindo de Viracopos domingo, dia 25 de fevereiro, pela *Panamerican,* com pernoite em Los Angeles, tendo chegado a Tóquio segunda-feira ao cair da noite, após ter vencido uma distância de cêrca de 21.636 quilômetros com uma escala intermediária em Honolulu.

Na volta, partimos de Tóquio no dia 8 de março, chegando ao México, após um vôo direto de cêrca de 12.584 quilômetros, com uma escala em São Francisco. Partimos da capital mexicana no dia 15 do mesmo mês e chegamos no dia seguinte a Viracopos, depois de um vôo de mais de 9.161 quilômetros.

Somadas as distâncias percorridas, verificar-se-á que ultrapassamos o diâmetro da terra na viagem de ida e volta.

A PASSAGEM PELO MÉXICO.

Aproveitando a ocasião, passamos na volta pelo México. Notamos — se bem que menos acentuada — o mesmo desconhecimento em relação aos nossos cursos universitários, aos periódicos que editamos e mais ainda, o completo desconhecimento da Editôra da nossa Universidade. De quem seria a culpa?

Pensamos menos em responsabilidade. Pelo contrário, alvitramos soluções simples e imediatas no sentido de um necessário interrelacionamento com disciplinas, institutos, faculdades e universidades mexicanas. Justifica-se e é até aliviçareiro informar que os nossos colegas mexicanos lamentam a inexistência de um contacto mais íntimo. Tivemos a oportunidade de dialogar em mesas redondas com colegas de Letras e de Ciências Humanas, professôres da Universidade Autônoma do México e do Colégio de México (cursos de pós-graduação). Dentre êles destacamos a Coordenadora da Secção de Estudos Orientais, Dra. Graciela de La Lama que em setembro de 1966, nesta Capital, manteve contacto com a nossa Faculdade, convidando-nos a visitar aquela instituição do Colégio de México. A oportunidade surgiu no regresso da viagem do Japão, concomitantemente com a desistência de uma visita programada às instituições da China Nacionalista.

Passamos duas tardes no Colégio de México, que parece ser uma réplica, mais modesta é óbvio, da famosa École Pratique des Hautes Études da Sorbonne. Avistamo-nos também com os colegas de Estudos Orientais, assim como com os da Secção de História.

Podemos concluir, e o fazemos prazeirosamente, que numa análise superficial, alguns cursos, especìficamente na área das Ciências Humanas, que visitamos no Japão e no México, o saldo positivo, s. m. é favorável à Universidade de São Paulo, apesar do quase total desconhecimento de suas realizações.

Apesar de tudo o que dissemos, julgamos que o saldo foi positivo. Desejamos apenas que as nossas autoridades universitárias tomem conhecimento do nosso modesto depoimento que talvez sirva para estabelecer o início de uma maior compreensão entre o Brasil de um lado e o Japão e o México do outro.